



A mãe de Olívia foi embora deixando-a ainda bebê. A menina cresceu sem ouvir nenhuma palavra sobre a figura ausente, sem ver nenhuma imagem. Mas Olívia deseja resgatar essa história, e passa a reunir todo vestígio que consegue encontrar — nos cochichos de adultos, no espelho do quarto, na antiga cadeira de balanço, na samambaia da varanda... Com persistência e coragem, ela empreenderá uma longa e tocante busca, que atravessará toda a sua adolescência.



BARCO
A VAPOR

A conta-gotas

Ana Carolina Carvalho

A CONTA-GOTAS • ANA CAROLINA CARVALHO



sm



1 6 5 6 7 5

ISBN 978-85-418-1059-3



9 788541 810593

A conta-gotas

© Ana Carolina Carvalho, 2015

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Revisão: Lígia Azevedo e Marcia Menin

Edição de arte: Natalia Zapella

Ilustração de capa: Laura Daviña

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Ana Carolina

A conta-gotas / Ana Carolina Carvalho. — São Paulo:
Edições SM, 2015. — (Barco a Vapor / Série Vermelha)

ISBN: 978-85-418-1059-3

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

15-06101

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2015

xª impressão 2019

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

<https://www.grupo-sm.com/br>



BARCO
A VAPOR

A conta-gotas

Ana Carolina Carvalho



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

*Agradeço a Regina Gulla pela
leitura atenta e pelas sugestões.*

*Para minha mãe, pela presença.
Para Marina, minha afilhada, que
quis ler o livro desde o começo.*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 1

A IMAGEM DO CONTA-GOTAS veio em uma quinta-feira de manhã durante a aula de laboratório. Eu tinha onze anos. Surgiu nítida, clara, tão azulada como a solução que deveríamos pingar no experimento. Brotou em meio aos aventais brancos e às mãos cuidadosas, os dedos tremendo com medo de errar a dose.

— Laboratório é assim, gente, tem que ter paciência, precisão, calma... E persistência, muita persistência. Se bem que isso também vale pra vida de todos nós... — instruía a professora Amélia.

No meu grupo estavam o Rafael e a Ana Luiza. Acho que era a mão dela que tremia. Os olhos dele meio contando as gotas, meio gostando da Ana.

A conta-gotas.

Pacientemente.

Com persistência.

Foi desse modo que conheci minha mãe. Em mínimas doses, e não como qualquer criança conhece a sua. Ou, pelo menos, como eu pensava que mãe e filha

deveriam se conhecer: em uma convivência diária, intensa. Sempre achei que fosse assim. Sempre quis que fosse assim. Mas, para mim, o caminho foi outro.

O jeito da minha mãe, seu rosto, seus gostos e até seu nome — tudo o que era dela, o que ela era, me foi revelado aos poucos. Era como se minha mãe não quisesse que eu a conhecesse. Ela e quase todos à minha volta — meu pai e minha avó, principalmente.

E por muito tempo eu quis saber.

• 2

MINHA MÃE FOI EMBORA DE CASA quando eu era bem pequena. Para descobrir qualquer coisa sobre ela, tive que me virar. Precisei montar o quebra-cabeça por conta própria, nas brechas de conversas, nos rabos de olho, nos “não fala isso na frente da menina” (a menina sendo eu, claro).

Como no dia em que deparei com minha mãe no rosto fechado do meu pai, exatamente em uma ruga no canto da boca. “Tá pensando na minha mãe, pai?”, tive vontade de perguntar, mas achei melhor ficar quieta. Depois disso, passei a notar a presença dela nos silêncios dele. Muitas e muitas vezes. Também comecei a buscá-la no espelho, tentando descobrir o que em mim era dela. Quem sabe apareceria em uma brecha de olhar, em um soslaio, em um sorriso... nos segredos da imagem refletida.

Mais um pouco da minha mãe eu fui descobrindo nas conversas segredadas entre minha avó e suas amigas. Ela me buscava no colégio e íamos para sua casa, onde eu almoçava e ficava até o final do dia.

Numa daquelas tantas tardes espichadas por lá, eu fazia lição na mesa de jantar, como de costume mantendo um ouvido no relógio de parede antigo e outro no que ela e a amiga conversavam. Tentava disfarçar a curiosidade caprichando no desenho quando de repente escutei:

— E aquela mulher, nunca mais voltou?

A ponta do lápis quebrou. “Aquele mulher?!” Aquela mulher, ela... Só podia ser minha mãe! Agucei os ouvidos.

— E seu filho não se interessou por mais ninguém?

“Meu pai com outra mulher?” Então isso podia acontecer... De repente, o desenho ficou feio.

O cheiro da sua loção de barba veio à memória. Fiquei com saudade daquele tempo. Era o perfume que eu sentia quando ele me levava no colo até a garagem. Eu era pequena, mas já sabia andar, e, mesmo assim, meu pai me carregava. Uma cumplicidade nossa. Minha mãe ausente, o pai só para mim.

• 3

O QUE SERÁ QUE MEUS OLHOS VIRAM quando minha mãe me pegou nos braços pela primeira vez? Eu era louca para saber isso. E também para poder sentir seu cheiro novamente.

Que mulher era aquela, com sua bebezinha no colo e, provavelmente, o olhar perdido em alguma janela, imaginando saídas para a vida em que se metera? Ah, como eu ansiava por uma brecha naquela janela! Queria ver a cena congelada por uma fresta, sem jogos de adivinha com os olhos dos outros, sem ter que recorrer à ruga do pai, às conversas segredadas da avó... Desejava conhecer a voz e o rosto da minha mãe. Vê-la cara a cara.

Mas eu nunca tinha visto nenhuma foto dela, nem pequena nem grande. Não havia imagens, apenas minha imaginação. Devia ser assim antes da invenção da fotografia. As pessoas apenas intuindo como teriam sido seus antepassados...

Comigo isso aconteceu quando eu ainda era bebê, numa tarde em que minha avó, em meio a um ataque

de fúria por me ver chorando sem parar no colo do meu pai, rasgou as fotos da minha mãe e mandou embora os objetos que haviam sido dela. Acho que foi uma tentativa de fazê-la sumir e acabar com todo o sofrimento da sua passagem em casa. Mas, no fundo, ela sabia o quanto todos nós estávamos marcados para sempre pela presença dela.

Tomar conhecimento dessa tarde me atormentou por muito tempo. Odiei ter chorado daquela maneira. Odiei a fúria da minha avó. E até odiei (mas não tanto) a tristeza do meu pai e sua falta de jeito em me consolar. Odiei saber dessas coisas.

● 4

MAS NEM TUDO ERA TRAGÉDIA. Havia também a alegria das pequenas descobertas. Como quando eu soube o nome dela.

De novo a revelação veio na casa da minha avó. Ouvi o nome de orelhada enquanto enrolava para terminar a lição de casa, prendendo a respiração para que nada fosse perdido, segurando o coração para que não batesse com alarde. De um lado, a batida do relógio; de outro, o nome distante.

Devo ter virado uma estátua atrás dos meus exagerados óculos de grau, a lente esquerda oculta por um tampão... Mas com os ouvidos atentos, atentíssimos, pude ouvir ao longe:

— A menina está ficando cada vez mais parecida com a Laura — disse bem convicta uma das amigas da minha avó, antes de levar a maior bronca murmurada que eu já tinha visto.

Então minha mãe se chamava Laura e eu me parecia com ela?

Naquela noite, é claro que me postei diante do espelho, procurando adivinhar em quais detalhes do meu rosto ela estaria escondida.

Desde pequena, sempre ouvi que tinha sido feita do mesmíssimo material do meu pai, da minha avó e até da minha tia morta, que não conheci. A tia Inês, de quem não herdei o nome, apesar de ser chamada assim pela minha avó nos seus momentos de distração ou de saudade... Mas traços da Laura em mim? Nos olhos, nos cabelos, no nariz, na boca? Onde?

• 5

ASSIM QUE SOUBE O QUANTO eu e minha mãe éramos parecidas, não tive mais sossego, pensava nisso dia e noite, observando-me em qualquer espelho que visse pela frente. Até que um dia pingou uma informação de um jeito tão inusitado que custei a entender. Ou custou para a ficha cair, como diz meu pai, que ainda é do tempo em que orelhão só funcionava à base de moeda.

Eu já tinha doze anos nessa época. Foi quando ouvi de um homem desconhecido:

— Os olhos dela eram assim, do mesmo mel que os da menina...

Uma frase dita para meu pai sobre mim diante de uma sorveteria, na simplicidade da tarde de domingo.

— Nunca mais tiveram notícias dela? — o homem perguntou.

— Não — meu pai respondeu lacônico e calou-se.

Assim como eu, que guardei essa informação bem dentro de mim. E nas minhas conversas com o espelho. Nossos olhos, do mesmo mel... Meu pai brincava

que meus olhos eram como tronco cortado, com todos aqueles sulcos desenhados. Então, teriam nossos olhos, os meus e os dela, brotado da mesma árvore?

• 6

PARA MINHA SURPRESA, também encontraria minha mãe nas coisas da nossa casa, nas coisas que sempre estiveram por perto: na cadeira de balanço, nos almofadões da sala de televisão, na samambaia da varanda.

Lembro-me exatamente do dia em que a notei nesses detalhes, cerca de seis meses depois da cena diante da sorveteria. Minha avó me buscou na escola, mas não fomos para a casa dela como sempre. Eu não passaria a tarde fazendo lição e espichando os ouvidos para conversa de gente mais velha. Para minha felicidade, almoçamos em um restaurante e depois tomamos sorvete na praça. Pelo visto não era um dia qualquer!

Fomos direto para minha casa. Assim que dobramos a esquina, avistei um caminhão. Minha avó aceitou para um homem parado diante do nosso portão e foi tirando as chaves da bolsa.

— Não vamos pra sua casa, vó?

— Não, querida, hoje é um dia especial.

Nem deu tempo de perguntar por quê. Os móveis velhos foram saindo pela porta, levados pelas mãos

grossas do motorista do caminhão, enquanto outro já aguardava na esquina, carregando para dentro móveis novos comprados com o dinheiro da aposentadoria da minha avó. À prestação.

Móveis novos! Eu olhava para tudo aquilo com imensa alegria. Sentia-me em uma loja de decoração, cada ambiente revelando uma surpresa, uma possibilidade de imaginar a vida diferente. Ter uma casa novinha em folha! Eu estava empolgadíssima. Sentava nos móveis nem bem eles haviam sido colocados no lugar. Experimentava almofadas e mexia na disposição das coisas, buscando dar novos ângulos aos cantos manjados. Uma vida nova? Eu mesma estava me sentindo uma novidade.

Esperamos pelo meu pai. Mas, nem bem ele chegou, nossos olhares de expectativa cruzaram com sua expressão pasmada, nada feliz com tudo aquilo. Primeiro houve um enorme desentendimento, depois vieram o desespero e a fúria, dirigida contra minha avó:

— Quem é você pra decidir o que eu faço da vida? O que quer com tudo isso?! A casa é minha, a vida é minha!

Eu nunca tinha visto meu pai tão furioso nem duas pessoas brigarem daquele jeito. Foi a primeira vez que vi minha avó chorar.

— Estou cansada de fazer tudo para o nosso bem, para o seu bem! Eu não escolhi essa vida que, desde o início, sabia que não ia dar certo, mas mesmo assim sempre apoiei você e ajudei a criar a menina sem cobrar

nada! E agora, quando tento mudar esta casa, limpar os restos do passado, é isso o que recebo em troca?

Diante da raiva da minha avó, da sua fala aos gritos e da cobrança feita, me dei conta do quanto tudo aquilo era pesado para ela.

Dias depois, passada a tempestade, tentamos nos localizar na casa, meu pai e eu. Apesar da empolgação inicial e do cheirinho dos móveis novos, foi difícil me readaptar ali, pois já não havia nenhum vestígio concreto da minha mãe. Meu pai estava sendo forçado a esquecer. Da minha parte, eu procurava guardar na memória as imagens da sala antiga e do pouco que agora sabia da minha mãe: ela se chamava Laura, tinha olhos de tronco de árvore cortado, gostava de samambaias na varanda, móveis de madeira e palha e cadeira de balanço na sala.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 7

NO PERÍODO QUE SE SEGUIU, aguicei os ouvidos e treinei os olhos. Aprendi a deixar meus sentidos sempre alertas, como um bicho à espera de uma presa para matar a fome. Foi meu jeito de sobreviver. Buscava todas as gotas que escorriam das conversas. Até que um dia pingou mais uma na casa da minha avó, de novo em uma conversa segredada.

— Ela nunca ligou? Não acredito! E nunca quis saber da menina? — perguntou a amiga curiosa, tentando inteirar-se do assunto escondido.

Parei de desenhar, minhas mãos suavam. O céu azul que eu pintava acinzentou.

— Na verdade, ela tentou. Queria, sim, saber da filha.

— Ligou aqui?

— Imagina se teria coragem! Não, aqui, não, de jeito nenhum! Ligou pra Flora, que sempre a pintou mais boazinha do que de fato era.

Meu coração disparou de um jeito que achei que ele bateria na garganta. Imaginei um telefone tocando ao longe, em uma tarde de sol e céu azul. Como no meu desenho.

Uma nova peça do meu quebra-cabeça: minha mãe tinha uma amiga chamada Flora. Mais uma revelação ecoando dentro de mim. No entanto, ainda demoraria um bom tempo para que eu a encontrasse pessoalmente, o que só viria a acontecer dois anos depois, quando eu já podia sair sozinha e soube a quem perguntar sobre ela.

• 8

IMAGINE MEU SUSTO. Eu, que estava acostumada a desconhecer minha mãe. Eu, que não tinha coragem de quebrar o muro de silêncio que meu pai erguera, mesmo que fôssemos tão próximos, mesmo que nos déssemos bem, mesmo que ríssemos juntos, mesmo que... Eu, que não pedia nada e já me acostumara a beber de pouquinho pelas brechas, justo eu recebi uma dose tão grande de revelação algum tempo depois que cheguei a perder o ar.

Tudo começou com uma pontada na barriga. Uma pontada diferente, que nunca sentira antes e que me levou ao banheiro. Lá eu entendi. Então, aos treze anos, tinha chegado o dia? Com cólica, casaco amarrado na cintura e um tanto de vergonha, fui para a sala da dona Margô, a diretora da escola, à procura de um absorvente.

Ela fez festa. Deu abraço, parabéns, e eu ali, atordoada. Justo a dona Margô, com quem nunca tive intimidade alguma! Depois de me dar alguns absorventes, mesmo desconfiando da resposta, ela perguntou se alguém já havia conversado comigo sobre menstruação.

Claro que já! Meu pai havia falado a respeito, sem muitos detalhes, é verdade. Mas, tecnicamente, eu sabia de tudo.

Dona Margô me ofereceu uma bolsa de água quente e ligou para ele.

— A cólica vai melhorar logo, logo — disse. — Seu pai já está vindo. Por que não deita e descansa um pouco? Vou pedir que não te incomodem.

Deitei no sofá e fiquei pensando na minha mãe, na falta que ela fazia. Não ia conseguir descansar. Levantei. Vi então minha ficha aberta na mesa da dona Margô. Foi a deixa. Não pensei duas vezes. Pelo visto aquele dia me reservaria mais novidades.

• 9

QUANTAS LINHAS? Muitas. Uma dose extra, um copo cheio para mim! Minha vida antes de ser matriculada naquela escola. Devorei o texto o quanto pude e só fechei a pasta ao escutar os saltos altos da dona Margô batucando no corredor. Mas não sem antes arrancar a página e enfiá-la no bolso do meu blusão. Amassou? Paciência.

Dados da aluna:

Nasceu em 14 de julho de 1990 de parto normal, na Santa Casa. Foi amamentada até os oito meses, sem intercorrências nessa fase inicial. Quando tinha nove meses, a mãe saiu de casa e da cidade, deixando a menina aos cuidados do pai e da avó paterna. O pai conta que nesse período Olívia tornou-se uma menina manhosa, que chorava à toa e inconsolavelmente. À noite, dormia com ele, pois acordava diversas vezes durante a madrugada. Aos dois anos, tudo se normalizou e Olívia lhe pareceu uma menina feliz, ainda que

introspectiva. Adaptou-se bem à primeira escola, sempre teve amigos e construiu uma relação de bastante proximidade com a avó paterna.

Quanto à família materna, pouco se tem notícia. Sabe-se que Laura, mãe de Olívia, chegou a Curitiba, vinda do Rio de Janeiro, em busca de um irmão. Não o encontrou. Mesmo assim estabeleceu-se por aqui, casando-se com Eduardo e engravidando pouco depois. O período inicial de gestação foi difícil, pois Laura alternava fases mais alegres com períodos mais deprimidos, em que tinha muitos receios, acreditando que não seria boa mãe. Após o quinto mês de gravidez, no entanto, ela ficou mais tranquila, estava feliz e passou a fazer planos. Tudo parecia ir bem nos primeiros meses após o nascimento da filha, até que, aos oito meses de Olívia, Laura tornou-se mais distante e triste. Um mês depois partiu, deixando a criança com o pai. Eduardo teve pouco contato com Laura nos anos que se seguiram. Atualmente, desconhece seu paradeiro. Sabe-se que quando foi embora voltou para sua cidade natal. Nos primeiros anos, ela pedia que Eduardo lhe mandasse fotografias da filha, para acompanhar seu crescimento. Com o passar do tempo, os pedidos foram rareando, até que...

Dona Margô vinha acompanhada do meu pai, os dois sorrindo para mim. Quando ele passou a mão nos meus cabelos e me deu um beijo, senti uma coisa estranha.

Talvez pelo fato de a diretora estar ali. Ou, quem sabe, por eu ter me tornado mulher. (Mas será que eu tinha mesmo?) Ou, ainda, por causa da minha mãe e pelo fato de meu pai não imaginar tudo o que eu descobrira sobre ela...

Então era isso? Laura tinha medo de não ser boa mãe. Mas indo embora daquele jeito acabou escolhendo para sempre não ser minha mãe. Mais tarde, em casa, relendo a folha amassada, senti pena dela, não de mim. Eu vivi até que muito bem sob os cuidados do meu pai e da minha avó e em companhia dos meus amigos. Mas e ela?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 10

QUANDO EU TINHA ONZE ANOS, em meio à bagunça do primeiro dia de aula do sexto ano, notei dois olhos piscantes na imensidão da sala desconhecida. Eram de uma menina com tique nervoso. Pequena, magrinha e agitada, eu gostei dela logo de cara. Começamos a conversar e, de repente, veio a pergunta:

— Você tem mãe?

— Não — respondi. — Por quê?

— Por nada. Eu também...

Ela também não tinha mãe. Foi a partir desse dia que eu e Ana Luiza, a Ana, viramos amigas inseparáveis.

Será que quem não tinha mãe possuía alguma marca especial? Já em casa, grudei no espelho do quarto, só me observando. Prestei atenção nas colegas que tinham mãe. Mas não descobri nada. Um rosto é só um rosto, a história de cada um não está na cara. Então, de onde a Ana havia tirado aquela pergunta? Sei lá. Vai ver ela queria saber meu nome, e foi outra frase que saiu.

A Ana conviveu com a mãe até os cinco anos, quando ela morreu de doença. Vivia com o pai e a irmã mais velha. Foi a Ana quem me deu a ideia do álbum “Memória de Mãe”. Ela já tinha um, que dizia ser um colo, sempre à mão, para os momentos de saudade.

— Por que você não faz um com as coisas que já sabe? — um dia ela me propôs.

Até que não era má ideia. Segui seu conselho, comprei um álbum e comecei a compor a figura da minha mãe página a página, combinando as pequenas descobertas que ia fazendo.

Mais ou menos dois anos depois, quando contei para a Ana sobre a Flora, lá veio ela dando outro conselho que, no final das contas, acabei seguindo também.

— Se sua mãe tinha uma amiga, por que você não a procura? — ela sugeriu.

— Mas como? Eu nem sei quem é essa Flora...

— Descubra, ora. Pergunta pro seu pai.

Para a Ana era assim. Tudo dito e perguntado ali, na lata. Mas com meu pai era diferente. Diante do seu silêncio sobre minha mãe, como dizer que eu havia descoberto a tal Flora? Fiquei com medo da reação dele...

— E sua avó? Por que não pergunta pra ela? — Lá vinha a Ana instigando de novo.

Minha avó? Pior ainda. Além do mais, eu já não passava mais tanto tempo com ela. Essa foi outra novidade que veio com meus treze anos. Consegui negociar com meu pai algumas tardes por minha conta, em casa

ou na da Ana. Não que eu não gostasse de ir à casa da minha avó, mas todo dia não dava mais. Não mesmo. Com isso acabei perdendo os cochichos dela com as amigas... Dali, eu não tiraria mais nada. E perguntar para minha avó, assim direto, na lata, é que eu não ia. Não mesmo.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 11

PASSEI MUITAS MANHÃS na sala da nossa casa, tentando ganhar coragem de perguntar. O livro aberto sempre na mesma página, o sol batendo no rosto, meus olhos meio que fotografando a alma do meu pai enquanto ele se perdia, distante, com o jornal nas mãos. Eu o observava, tentando adivinhar como estaria naquele dia. Queria ter certeza do melhor momento.

“O momento certo não existe”, me dizia a Ana.

— Vai e pergunta. Pronto! Qual o mistério? — ela insistia.

Mas, dessa vez, a Ana estava enganada. Havia o momento certo, só não era aquele.

Tive que esperar mais de um ano para a ocasião se apresentar. Foi no dia em que meu pai entrou em casa, assobiando, com uma samambaia nos braços. Estacionada diante do portão, havia uma Kombi, de onde foi retirada a antiga cadeira de balanço que era da minha mãe. Parte da Laura estava de volta e pelas

mãos do meu pai! Então que mal haveria em perguntar sobre o passado?

— Pai, quem é a Flora?

A pergunta saiu com o primeiro balanço da cadeira. A resposta veio em forma de surpresa, silêncio, desconcerto.

“Seria Flora mesmo o nome dela?”, pensei.

À noite, meu pai veio ao meu quarto, sentou-se na beira da minha cama e pôs as mãos sobre meus joelhos.

— A Flora era amiga da sua mãe. Nunca mais falei com as duas. Quem te falou dela?

— Ouvi alguém falar pra vovó. Faz um tempão.

Meu pai me estendeu um papel. Nele havia um nome e um endereço, uma rua em outro bairro.

— Era onde a Flora morava — disse meu pai, e sua voz me soou generosa.

Naquela noite não dormi direito. No dia seguinte, faltei à escola.

• 12

PENSEI EM CHAMAR A ANA para ir comigo. Cheguei até a teclar os primeiros números do telefone, mas desisti. Ela andava irritada com minhas conversas monotêmáticas a ponto de um dia me dizer:

— Não sei por que se acha tão infeliz. Você, pelo menos, tem uma mãe em algum lugar. A minha, eu nunca mais vou ver... Por que a gente tem que ficar falando o tempo todo da sua mãe? Não tá vendo que minha situação é bem pior? Você nem pergunta sobre a minha...

“E por que será? Porque a sua não resolveu te deixar. Porque você sabe o que aconteceu com ela. Porque recebeu amor dela. Porque não está de luto por uma pessoa desaparecida, que nem sabe se está viva!”, pensei.

Era isso o que eu devia ter respondido para ela... Mas fiquei quieta e fui sozinha mesmo.

Àquela altura, já tinha catorze anos e achei que estava mais do que na hora de ir atrás da tal Flora. Com o endereço dobrado no bolso, chacoalhei no ônibus que me levaria ao Novo Mundo, nome sugestivo do bairro

onde morava a amiga da minha mãe, tendo em vista tudo o que ela poderia me contar. Dependendo do que eu soubesse, meu mundo seria outro, minha vida poderia mudar. Isso me dava medo, um medo enorme.

• 13

NÃO PRECISEI FALAR QUEM EU ERA. A Flora percebeu de longe, enquanto me observava do alto da escadaria da casa. Cabelos compridos, olhos verdes. Ela era bonita e usava roupas coloridas, tipo *hippie*. Era muito parecida com a imagem que eu fazia da minha mãe. A Laura e a Flora misturavam-se na minha cabeça.

Chegou perto de mim e tocou nos meus cabelos com apenas dois dedos, superdelicada.

— São muito parecidos com os da Laura, sabia?

Eu estava hipnotizada demais para responder.

Ela pegou na minha mão e me convidou a entrar.

— Como me achou? — perguntou.

Identifiquei no escuro da casa uma sala quase igual à minha. A cadeira de balanço me convidava a sentar, mas preferi as almofadas.

— Quer um suco de maracujá? — ela me ofereceu, enquanto abria a janela. Quando foi me servir dele, derrubou um pouco. — E seu pai, como está? Faz tempo que não o vejo. E sua avó? Você tem bastante contato com ela?

— Tenho. Quer dizer, mais ou menos... — por que ela estava querendo saber aquilo? — Antes a gente convivia mais, passava todas as tardes juntas. Mas agora negocieei com meu pai pra ficar mais sozinha ou na casa de uma amiga. Na minha idade, todos os dias com a avó não dá, né?

Foi isso que eu falei, embora estivesse pensando em como minha avó se tornara mais dura comigo, menos carinhosa. Será que era por eu estar cada vez mais parecida com minha mãe? Eu achava isso, mas nunca tinha tido coragem de perguntar, muito menos de comentar com a Flora, a quem eu acabava de conhecer...

Ela olhava para mim com os olhos brilhando, querendo saber mais.

— E seu pai?

Não respondi, queria ir direto ao ponto, ao que me levava lá:

— Flora, você tem notícias da Laura?

Ela derrubou suco mais uma vez, agora ao se servir. E foi lambendo os restos do líquido nos dedos que me respondeu:

— Faz tempo que não falo com ela...

— Desde quando?

— Hum, preciso pensar, não lembro bem, alguns anos. Acho que ela ainda estava no Rio de Janeiro.

Ao ver o olhar da Flora escapando pela janela, me dei conta de que minha busca seguiria. Não seria tão fácil saber da minha mãe por ela. Pelo menos, não naquele momento.

● 14

FLORA FOI ATÉ O QUARTO e voltou rápido com uma caixa velha nas mãos.

— Acho que tenho algumas coisas aqui que podem te interessar.

— Fotos da minha mãe? — perguntei, emocionada.

— Algumas.

— Nunca vi uma foto dela...

A Flora me olhou espantada.

— Foram perdidas — expliquei.

Ela não acreditou. Nenhuma para contar a história? Claro que eu também não acreditei quando me deram essa explicação. Não se perdem assim todas as fotos de alguém! Só depois é que fui saber a verdade. Mas não ia contar pra Flora o que minha avó tinha feito.

Mal ela abriu a caixa, minhas mãos avançaram na direção das fotos. Finalmente podia olhar minha mãe de frente, mesmo que em uma imagem congelada.

Sabe um personagem de livro retratado no cinema? Foi mais ou menos assim quando vi as fotos da minha

mãe. Totalmente diferente e ao mesmo tempo idêntica à imagem que tinha dela. Quando diziam que éramos parecidas, eu pensava nas características em separado, nos olhos, nos cabelos. Mas, quando vi as fotos, entendi por que minha avó não gostava de me ver crescendo.

O que a Flora me mostrou foi o suficiente.

Minha mãe recém-chegada a Curitiba, de saia marrom, malha xadrez e botas cor de caramelo, com um sorriso sem graça, olhar assustado, mãos nos bolsos. Era magra e alta, tinha cabelos castanho-claros ondulados e lábios finos.

Minha mãe em um parque, vestindo bata azul-celeste, calça branca de linho e uma echarpe estampada. Nossa, como ela era feminina!

Minha mãe de mãos dadas com meu pai. Os dois muito novos. Sorri diante dessa foto. Meus olhos se encheram de lágrimas. Percebi que nunca havia imaginado os dois juntos.

Minha mãe em uma festa. Um copo de bebida na mão. Muita gente em volta.

Minha mãe em outra festa, toda chique, usando vestido azul-claro e segurando um buquê de flores. Meu pai ao lado dela, de terno e sem gravata. Um casamento pouco convencional, sem dúvida. A Flora com um cara. Talvez eles tivessem sido padrinhos...

Minha mãe sorrindo de verdade, até com os olhos. E grávida, as mãos envolvendo a barriga!

Não sei quanto tempo meus olhos pararam nessa foto. Quis levá-la embora, mas preferi não arriscar. E

se a perdesse no caminho? Se fosse roubada? Se amassasse? Molhasse? Melhor deixá-la na casa da Flora mesmo, assim eu saberia sempre onde encontrá-la. Além do mais, já estava craque em ir guardando tudo dentro de mim.

— Posso voltar outro dia?

— Sempre que quiser — a Flora respondeu. E, olhando atentamente para mim, perguntou: — Você não tinha mesmo ideia de como era sua mãe?

— Não.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 15

SAÍ DA CASA DA FLORA levando minha mãe comigo. Guardei com cuidado suas roupas na memória. Pensava no que escreveria no álbum. Talvez colocasse uma foto minha mesmo, recente, para mostrar o quanto éramos parecidas. Pensei em procurar revistas de moda da década de 80. Acho que ainda havia algumas delas na casa da minha avó...

Minha “Memória de Mãe” crescia. Não chegava a transbordar, mas as gotas já davam para matar a sede. Precisava voltar para casa e correr para meu quarto, abrir o armário, escrever no álbum e tentar reter minha mãe dentro de mim. Naquele dia, nem fome eu tive. Quando me dei conta, a tarde tinha passado.

Foi difícil encarar meu pai à noite.

— E a escola? Como foi?

Ele quase nunca fazia perguntas assim e foi inventar de fazer justo naquele dia? Olhava-me com o rabo do olho, seus dedos segurando firme o talher enquanto eu engolia em seco.

— Hoje não fui à escola, pai. Resolvi conhecer a Flora.

O garfo caiu da mão dele e bateu no prato. Fiquei assustada por ter falado tudo de cara. Eu teria me safado com um “o dia foi bom”, “normal”, “o mesmo de sempre”. Mas não.

— Ela ainda mora naquela casa? No endereço que eu te dei? — perguntou.

— Mora, pai.

— Você... você soube de alguma coisa?

Ele procurava disfarçar, mas eu podia imaginar como estava por dentro.

— Ainda não, pai. A Flora não tem falado com ela.

— Nenhuma notícia?

— Nada, mas eu vi algumas fotos.

Meu pai finalmente ergueu os olhos e passou as mãos nos meus cabelos. Fiquei vermelha. Não dissemos mais nada. Ele se levantou e foi direto para o quarto.

Fiquei um tempão na sala, não adiantava ir para a cama. Estava agitada, nervosa demais para dormir. Também, com tudo o que acontecera naquele dia! A Flora, as fotos da minha mãe, o jantar com meu pai. Uma bela insônia esperava por mim, mesmo com o cansaço da noite anterior maldormida.

O telefone tocou. Reconheci o alô da Ana.

— Sabe quem perguntou por você hoje na escola?
O Miguel.

Gelei do outro lado da linha.

— Ele sabe que eu existo?!

— Claro, e reparou na sua falta. Mas afinal por que você não foi hoje?

— Até pensei em ligar, mas não queria te chatear. Sabe aquela amiga da minha mãe, a Flora? Meu pai me deu o endereço dela e eu fui lá.

— Sozinha? Teve coragem?

— Ahã.

— Ela tava lá?

— Ana, você não vai acreditar! Ela não sabe muita coisa da minha mãe, faz tempo que não se falam, mas me mostrou umas fotos.

— E aí?

— Eu tava certa em buscar minha mãe no espelho.

— Jura?! Tá pensando em voltar lá?

— Tô.

— Então, da próxima vez, vou com você, tá?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 16

NÃO FOI NEM NA FLORA nem na minha mãe que fiquei pensando quando desliguei o telefone, mas no Miguel. Perguntando de mim pra Ana? O que será que ele tinha dito? E eu achando que nem me notava...

Estávamos na mesma classe, mas o Miguel era bem mais popular que eu. A única vez que chegamos mais perto um do outro foi quando fizemos juntos um trabalho sobre o Manuel Bandeira. Nunca soube de onde viera aquela coragem de levantar do meu lugar, atravessar a sala e perguntar se ele queria fazer dupla comigo. Quando me dei conta, já tinha falado e estava vermelha quando ouvi que sim.

E agora ele queria saber de mim, percebera minha ausência e ainda por cima tinha se dado ao trabalho de perguntar pra Ana. Estranho, ainda mais depois do meu papelão no trabalho em dupla. Porque mesmo eu gostando de poesia, mesmo eu adorando o Manuel Bandeira, mesmo eu estando a fim do Miguel, como é que ia saber que a mãe dele era especialista no Bandeira? Tiramos a nota mais alta da classe, mas

fiquei com aquela sensação estranha de que no final das contas não tinha contribuído em nada para o trabalho, feito quase todo pelo Miguel e pela mãe.

A partir daí quase não nos falamos mais, o que reforçou em mim a ideia de que eu tinha causado péssima impressão. Portanto, o que ele estaria querendo comigo agora? Pensando bem, quem havia se afastado era eu. Tinha posto na cabeça que fizera um papelão e cismeiei de achar que ele pensava a mesma coisa. Mesmo gostando cada vez mais do Miguel, passei a sentar do outro lado da sala. Fazia questão de não conversar, de não olhar para ele. Quer dizer, não olhar de frente, só de rabo do olho. Fotografava mentalmente tudo o que ele fazia, várias vezes por dia.

O Miguel jogando bola.

O Miguel conversando com a Marina.

O Miguel contando piada.

O Miguel lindo chegando de cabelos molhados.

O Miguel concentrado fazendo prova.

O Miguel habitando os poemas roubados do Manuel Bandeira, no mais puro segredo. “Você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.” Logo da primeira vez que o vi, “não vi mais nada. Os céus se misturaram com a terra. E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas”.*

* Respectivamente, trechos dos poemas “Madrigal tão engraçadinho” e “Teresa”, de Manuel Bandeira, publicados em *Libertinagem*, em 1930. (N. E.)

Mesmo que eu nunca tivesse tido um porquinho-da-índia. Mesmo que eu nem soubesse direito da minha crença em Deus.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 17

GOSTEI DE SABER QUE O MIGUEL ME NOTAVA. Estava ansiosa pelo dia seguinte. Tratei de separar uma roupa bonita e fiquei imaginando que penteado fazer. Ah, e deixei minha caixa de lentes de contato à mão, como se eu fosse a pessoa mais segura do mundo, como se eu fosse acordar muito certa do que fazer.

Mas, no dia seguinte, minha timidez falou mais alto. Vieram a dor de barriga e o desejo de não ir à escola. Cheguei até a ensaiar uma desculpa para meu pai, mas falar de novo nem pensar. Ele não permitiria. Aliás, fez questão de me levar até a porta, coisa que havia tempos não fazia.

Não tinha jeito. Só me restava encarar.

Assim que entrei na sala de aula, senti longe do Miguel e não olhei para ele, mesmo com a pressão da Ana me vigiando de olhos arregalados, como querendo dizer: “Você não vai falar com ele?”.

Será?

Na noite anterior, reunira toda a coragem do mundo, escolhendo a roupa (que eu não vesti), pensando no

penteadado (que eu não fiz) e separando as lentes (que eu coloquei). Agora que estava ali, toda a valentia fora embora. Se eu pudesse, teria ido junto com ela.

“Não, Ana, eu não vou falar com o Miguel, pode ir tirando o cavalinho da chuva e os olhinhos aflitos do caminho. Não falo mesmo.”

Naquela primeira aula, cujo assunto não lembro, pensei muito na minha mãe e em mim. Na minha mãe em mim. Na minha mãe...

E na sua fuga.

● 18

— QUEM SABE DA MINHA VIDA SOU EU! Não quero falar com ele. Nunca mais! Dá pra entender?

Não, não dava para a Ana entender. Nem eu entendia muito bem, para falar a verdade. Por que tanta raiva? Por que não falar mais com o Miguel e, ainda por cima, explodir com minha melhor amiga? Estava pensando em como era chato passar o intervalo sozinha quando ouvi uma voz atrás de mim:

— E aí? Tava doente ontem?

Era o Miguel. E eu achando que estava muito bem escondida, sentada no canto mais afastado do pátio. E agora, cadê a Ana para me salvar? O que eualaria para o Miguel?

— Você não tá com cara de quem andou doente — ele comentou.

— Pois é, não tava mesmo. Faltei por outro motivo.

Era minha seriedade contra a leveza dele, que ria da situação.

— Nossa, que menina mais complicada!

“Você nem sabe como...”, foi o que pensei, mas não falei. Em vez disso, resolvi abrir o jogo:

— Fui visitar uma amiga da minha mãe. Aliás, fui conhecer essa amiga.

— Um programinha familiar?

— Não, na verdade, nada familiar. Minha mãe não foi comigo.

— Já sei, você fugiu de casa!

Apesar da frase em tom de brincadeira, percebi uma pontinha de receio na fala dele.

— Não, quem fugiu de casa foi minha mãe!

Por que diabos eu estava fazendo aquilo, contando tudo para alguém que não conhecia direito? Bem, já que tinha colocado meu pezinho na beira do precipício, resolvi me lançar de vez. Pulei.

— Minha mãe fugiu de casa há um tempão. Agora descobri essa amiga e fui lá tentar saber um pouco mais sobre ela, entendeu?

— Ah...

Pelo visto, eu havia deixado o menino sem palavras. Talvez fosse o jeito que tinha encontrado de me salvar daquela situação. Ou de me acabar de vez. Ainda não sabia muito bem. Mas abri as comportas e jorrei:

— Ela foi embora quando eu ainda era bebê. Meu pai não gosta de falar disso comigo. Aliás, com ninguém. Então, como você pode imaginar, sei muito pouco da minha mãe. Só pra ter uma ideia, ontem foi a primeira vez que vi fotos dela, acredita?

— Nossa, Olívia, que história! Como minha mãe diz, dá um livro.

Bateu o sinal e eu voltei para a classe pensando no livro que daria minha história. A Ana não acreditou quando me viu andando lado a lado com o Miguel, parecia que de longe ela me perguntava: “Ué, mas não era você quem nunca mais ia falar com ele?”. E, de longe, eu respondia com o olhar: “Foi ele quem veio falar comigo”.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 19

NA SEMANA SEGUINTE, mais uma vez o Miguel tomou a iniciativa, me convidando para tomar um sorvete no sábado.

— Passo na sua casa. A que horas é melhor pra você?

A segurança dele me incomodou. E também o jeito direto de falar, sem dar espaço para dúvidas. Queria muito sair com ele, mas, quando chegou o dia, tive vontade de desistir. Por que eu não ficava doente? Cheguei a pegar o termômetro e andar com ele pela sala.

— Tá doente, filha?

— Não, pai, é que pensei... Sei lá, talvez eu esteja meio quente.

As mãos do meu pai negaram.

— Você está normal.

“Normal” era a única palavra que não combinava comigo, pelo menos não naquele sábado.

O sorvete estava ótimo, e o papo também. Não sei se o Miguel percebeu minha timidez, meu nervosismo.

Sei que não avançou nenhum sinal, ficamos apenas no sorvete e na longa conversa.

O Miguel me disse que havia nascido no Rio de Janeiro. E eu contei que minha mãe tinha voltado pra lá depois que deixou a gente. O Miguel falou que tinha uma irmã caçula. E eu quis saber como era ter uma irmã. O Miguel falou que às vezes era bem chato e que ficava irritado quando ela entrava no quarto dele e mexia nas suas coisas. Eu disse que achava que devia ser bem mais animado do que não ter nenhum irmão. O Miguel deu risada e falou que a gente nunca está satisfeito com o que tem. Eu pensei e não falei, mas naquele momento estava plenamente satisfeita com o que eu tinha. O Miguel perguntou se eu gostava de música. Sim, claro, principalmente de MPB. Ele disse que preferia rock, já estava cansado de ouvir tanta MPB. Contou que o pai tocava violão e, volta e meia, organizava saraus em casa, com música e poesia. Perguntou se eu gostaria de ir um dia. Adoraria, claro, talvez no próximo encontro, no fim de semana.

Saí de lá pensando se o Miguel já tinha namorado. Depois soube que ele também se perguntou o mesmo de mim. Mas sobre isso nós não tivemos coragem de falar.

Voltei feliz para casa, torcendo para que a semana passasse bem rápido e o Miguel falasse de novo do sarau.

Meu pai me esperava na sala.

— E o sorvete? Tava bom? Pela sua cara, deve ter sido o melhor que tomou na vida.

Não sei se foi impressão, mas percebi uma pontinha de ciúme.

— E os sorvetes que tomou comigo? Eram tão bons quanto esse que tomou com seu novo amigo? — ele continuou.

Impressão nada, ciúme declarado.

— O que é isso, pai? Não vai me dizer que você tá com ciúmes! O Miguel é só um amigo. Como a Ana. Você tem ciúmes dela, por acaso?

Meu pai riu, e eu também. Por dentro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 20

LIGUEI PARA A ANA NO DIA SEGUINTE. Precisava contar tudo sobre o encontro com o Miguel... Ele era mesmo um cara legal.

A Ana riu.

— Olívia, você tá apaixonada!

Eu também achava, mas não queria pensar aonde aquilo ia parar. Nunca tinha namorado nem beijado. Pensava em sair de novo com ele, ir ao sarau, conversar na escola. Eu queria e não queria.

— E vocês vão se encontrar hoje de novo?

— Há? — Era meu fio de voz, o medo afinando-a ainda mais. — Não combinamos nada, não.

Depois de um breve silêncio, lancei a pergunta:

— Ana, posso passar o dia na sua casa?

Não precisava ser nenhum gênio para saber que eu estava fugindo do Miguel.

Quando ele ligou mais tarde, ouviu do meu pai:

— A Olívia não tem hora pra voltar hoje, foi passar o dia com uma amiga.

Assim que eu cheguei da casa da Ana e soube da

ligação, um misto de alegria e frio na barriga tomou conta de mim.

E no dia seguinte? Será que eu teria coragem de falar com ele?

Cheguei atrasada de propósito na escola. Mas, na hora do intervalo, pra variar um pouco, o Miguel tomou a iniciativa e veio falar comigo.

— Passeou muito ontem?

— Passei o dia na casa da Ana.

— Seu pai falou que eu liguei?

— Ah, falou, sim, é que eu cheguei tarde...

A Ana, sentada ao meu lado, não conseguia acreditar na minha desculpa esfarrapada. Desde quando sete horas da noite era tarde para ligar para alguém?

Eu pensava na enrascada em que havia me metido. Mas enrascada por quê? Eu não gostava do Miguel? Ele não era um cara legal? O sorvete não tinha sido ótimo e a conversa melhor ainda?

Bateu o sinal e voltamos para a sala. Tudo isso ainda voava pela minha cabeça durante a aula de português quando ouvi o professor falar bem alto meu nome. A classe inteira olhou para mim, esperando pela minha resposta.

— Então, Olívia, a frase ficaria: “A decisão tomada poderá implicar prejuízos futuros” ou “implicar em prejuízos futuros”?

E foi descendo de paraquedas que eu respondi:

— “Em prejuízos futuros”?

A classe estourou em uma risada. Menos a Ana e o Miguel.

O professor esperou que todos se acalmassem e disse:
— Acho que você não estava prestando atenção, Olívia. A frase certa seria: “A decisão tomada poderá implicar prejuízos futuros”.

Saí da sala pensando: “Que decisão tomada? Que prejuízos futuros? A decisão de fugir? Sumir? E os prejuízos, quem arca com eles?”.

Era o que eu estava fazendo com o Miguel! Ter medo, largar tudo, correr para bem longe.

Nunca me senti tão parecida com minha mãe quanto naquele dia.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 21

EU CADA VEZ MAIS PARECIDA COM A LAURA: os olhos, os cabelos, o jeito... as escolhas? Fiquei quase um mês com isso martelando na cabeça, até que decidi visitar a Flora novamente. Ela havia me dado sinal verde. “Comigo não tem essa de horário, eu trabalho em casa.” Que eu fosse a hora que quisesse.

A Ana me acompanhou, como prometido.

— Tem certeza de que a gente não precisa ligar antes?
— ela perguntou.

— Ligar como, se eu nem peguei o telefone dela? Da outra vez saí de lá tão atordoada que nem me lembrei de anotar...

Era final de tarde quando tocamos a campainha.

— Tá tudo escuro, Olívia, será que a Flora tá em casa?

Nem bem a Ana terminou de falar, a luz da varanda se acendeu e em seguida ouvimos um “Já estou indo!”, voz de homem. Olhei pra Ana. Nem me ocorreu perguntar se a Flora era casada ou não. Achei que morasse sozinha.

— Vieram ver a Flora? Ela está lá atrás, trabalhando no ateliê — disse o homem enquanto descia as escadas.

Alto e meio gordo, tinha voz rouca e usava óculos meia-lua, pequenos demais para o rosto. Vestia calça florida e bata indiana, uma figura!

— Qual de vocês é a Olívia? — perguntou, observando nós duas e logo fixando o olhar em mim. — Prazer, sou o Ivan. Vamos entrando, a Flora vai gostar de saber que você voltou.

Simpatizei com ele logo de cara, principalmente por causa do seu jeito despachado e afetivo. E também gostei da forma como se referiu à Ana:

— Veio acompanhar a amiga? Já vi que você é gente boa!

A Flora retirava algumas peças do forno de cerâmica quando a gente entrou no ateliê. Sem jeito, parei na entrada, me apoiando de um lado na porta-balcão e, de outro, no braço da Ana.

— Desculpa ter vindo sem avisar.

— Que é isso, Olívia, já estou encerrando o expediente! — disse alto, enquanto limpava o suor da testa com as costas da mão direita. — Não querem me esperar na sala? Vou num segundo. Ivan, por que você não serve alguma coisa pra elas?

Não sei se foi impressão, mas achei a Flora meio afobada com nossa visita. A Ana sentiu o mesmo.

● 22

— QUANTOS ANOS VOCÊ TEM, OLÍVIA? — perguntou o Ivan. — Peraí, deixa eu adivinhar.

Permanecemos caladas, a Ana e eu, enquanto ele calculava minha idade com a ajuda dos dedos.

— Hum, pelas minhas contas você tem catorze anos. — disparou. — Acertei?

— Ahã..

— Puxa! Catorze anos! Vou dizer o óbvio, mas é verdade: como o tempo passa! Eu me lembro de você recém-nascida no meu colo, me lembro direitinho, como se fosse hoje. Você de colo em colo, carequinha, metida em casacos e gorros de lã. — O Ivan parecia emocionado, sua voz rouca engasgando um pouco.

Não consegui dizer nada. Meu coração acelerou só de imaginar essa cena com minha mãe presente.

A Ana percebeu tudo, captando o que havia naquele silêncio que ainda ecoava o timbre do Ivan. Tive a confirmação de por que éramos tão amigas. Ela chegou mais perto de mim e segurou minha mão, o que me deu coragem de perguntar:

— Ivan, como era minha mãe?

Ele se ajeitou na cadeira e pigarreou, cruzou e descruzou as pernas.

— Que pergunta difícil, Olívia! Como era a Laura? Bom, deixa eu ver por onde começo... Sua mãe era delicada, mas arredia, assustada. Não ria muito, embora tivesse um sorriso lindo... e uma história triste. Sua mãe... ela era sensível e inteligente, bonita como você. Uma pena não termos conseguido...

A Flora surgiu agitada na sala, seu corpo fazendo vento. Com a respiração curta, começou a disparar frases rápidas entre um arfar e outro:

— E então, Olívia, como é mesmo o nome da sua amiga? Que bom que veio acompanhada! Ainda não serviu nada pra elas, Ivan? Aposto que não para de falar!

As perguntas não esperavam resposta. Não deu tempo de repetir o nome da Ana Luiza, nem de o Ivan responder se havia nos oferecido alguma coisa.

Depois de um “já volto”, a Flora foi até a cozinha preparar alguma coisa. Ou ganhar tempo. Ou pensar no que me diria. Ou tudo junto.

Percebi então que ela devia saber muito mais do que tinha dito no nosso primeiro encontro. Ou talvez tivesse descoberto mais coisas entre minhas duas visitas. Será?

● 23

QUANDO A FLORA VOLTOU DA COZINHA com uma bandeja nas mãos, o Ivan tratou de retomar a conversa:

— Mas, Olívia, me diga uma coisa: por que você demorou tanto para vir até aqui?

Quando eu ia responder, a Flora se adiantou, contando ao Ivan que na minha casa pouco se falava sobre minha mãe, sobre seu passado, seus amigos, sua história.

Ela até que tinha sido boazinha. Não é que em casa se falava pouco sobre minha mãe: não se falava nada! Achei então que devia contar para o Ivan sobre minha busca, as descobertas, as brechas. O conta-gotas... Afinal, ele era um cara bacana.

Depois que relatei tudo, ajudada em parte pela Ana (que aproveitou para contar que sua mãe morrera etc. e tal), o Ivan tascou uma pergunta para a Flora. Ali, na lata, sem dar tempo para nenhuma fuga, nenhum olhar ir embora pela janela.

— E você, Flora, saciou a sede dessa menina? O que contou pra ela sobre a Laura?

O Ivan tinha fechado o cerco. Nossos olhos se voltaram para o canto da sala onde a Flora parecia encolhida, afundada nas almofadas.

Ela respirou fundo, segurou os cabelos com as duas mãos, como se fosse fazer um rabo de cavalo, e enrolou a mecha em um coque frouxo para em seguida desfazê-lo. Notei que estava vermelha e que suspirou mais de uma vez antes de começar a contar tudo, ou quase.

O estranho foi que, quando a Flora ia começar a falar, eu já não tinha mais tanta certeza se queria escutar. Senti vontade de sumir. Uma vontade que contradizia tudo o que eu havia feito até então pelo meu desejo de saber mais sobre minha mãe.

Mas o fato é que, de um jeito ou de outro, a procura interminável pela Laura a mantinha perto de mim. E se de repente a busca terminasse? Como seria olhar para ela de verdade? Não sei se pensei tudo isso ali, naquela hora, na sala da Flora, mas sei que me protegi, surpreendendo a todos com minha “fala aflita antes que a amiga da minha mãe dissesse qualquer coisa”:

— Flora, se você não quiser me contar, quer dizer... Eu não sei o que vai me contar, mas eu não sei... Não sei se quero saber de tudo.

A Ana me encarou. Foi olhando para ela que eu disse tudo aquilo. E não para a Flora, que pareceu aliviada com minha relutância:

— Tudo bem, eu entendo. Conversamos num outro dia. Quando quiser.

A Ana então se levantou do sofá e tomou a frente da situação:

— Olívia, tá na hora de a gente ir. Podemos mesmo voltar outro dia, né, Flora?

Não havia como não concordar. Antes de sairmos, o Ivan me deu um abraço e um número de telefone.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 24

NO TRAJETO DE VOLTA eu ainda tentava me situar no que acabara de acontecer. Por que não tinha deixado a Flora falar? O que eu temia descobrir?

A Ana olhou para mim e sorriu. Já havia escurecido totalmente, e, sem saber o que dizer, comentei:

— Meu pai vai ficar preocupado se não me encontrar em casa quando chegar...

Ela embarcou na conversa:

— Ainda bem que o trânsito não tá muito pesado.

— É, ainda bem mesmo.

No fundo, o que eu mais queria era ficar dentro daquele ônibus. Permanecer em lugar nenhum, não chegar a lugar algum. Persistir em um “enquanto eu não conheço minha mãe”, só imaginando ela. No fundo, gostaria que o ônibus parasse no meio do caminho e eu nunca soubesse como seria chegar ao meu destino.

— Você teve medo, né? — Era a Ana tentando entender. — Medo de saber como sua mãe era de verdade, é isso?

Fiz que sim com a cabeça.

— Sabe de uma coisa, Olívia? Eu também tenho medo de pensar em como minha mãe era de verdade, de alguém dizer alguma coisa diferente do que eu imagino dela. Ou que me faça pensar nas razões de ela ter ficado doente e morrido. Acho que a gente tem medo de se decepcionar.

Silêncio.

— Nossa! Não é nada fácil saber das coisas, mudar o olhar, né? — ela continuou.

— É isso que dá mexer na história da gente... — comentei.

• 25

EU TINHA UMA MÃE DENTRO DE MIM, mas e se ela não fosse a Laura que eu achava que era? No fundo, eu sabia a resposta. Por isso mesmo talvez tudo aquilo parecesse tão assustador. Ainda refletia sobre isso quando entrei em casa e dei de cara com meu pai. Acho que ele notou algo na minha cara, parecia que estava adivinhando, pois fez uma proposta que havia muito não fazia:

— Por que a gente não prepara alguma coisa juntos?

Esse era um ritual nosso. Um momento que eu adorava, onde conversas de verdade surgiam entre os diálogos sobre a comida. “Pai, você acha que desse tamanho está bom? Vou cortar.” “Dá uma provada, tá bom de sal? Mais um pouquinho, né?” “E se a gente colocasse uma folha de louro?” Outras vezes, a conversa acontecia através dos ruídos da faca ou do ralador de queijo, nos nossos braços se encontrando — ops!

Foi assim nessa noite em que cozinhamos juntos. O momento de proximidade me ajudou a criar coragem para lhe contar que eu tinha conhecido o Ivan. Estávamos jantando e, dessa vez, meu pai não deixou o garfo

cair nem saiu da mesa. Pareceu até emocionado quando ouviu o nome dele.

— O Ivan é uma pessoa legal, pai. A gente se deu bem, logo de cara.

Ele olhava fixo para o prato. Ficamos em silêncio até que soltou a frase que eu não esperava:

— Sempre gostei muito dele, filha. Queria revê-lo.

Senti um frio na barriga. Pela primeira vez meu pai explicitou alguma vontade de se aproximar do mundo da minha mãe. Buscar um amigo daquele tempo depois de tantos anos...

— Quem sabe um dia, né, Olívia?

Passsei a mão nos seus cabelos já meio grisalhos e depois segurei sua mão.

— Vai ser ótimo, pai.

O resto do jantar passamos em silêncio. Cada um com seus pensamentos.

● 26

TRÊS DIAS DEPOIS, liguei para o Ivan. Nós dois íamos nos encontrar na mesma sorveteria em que eu havia ido com o Miguel.

— Lá pelas cinco e quinze, pode ser? Dou aula lá perto, no Centro Cultural, e vou logo depois.

Já que não havia como antecipar a conversa, podia ser... Combinado!

Mas, às quatro e dez, eu já estava por ali, fazendo hora na praça. E foi bem nessa hora que esbarrei com o Miguel.

Na escola eu tinha feito todo o possível para me afastar dele. E agora acusava o golpe, como dizia minha avó. O Miguel já não parecia tão feliz em me encontrar.

— Oi, Olívia, tudo bem com você?

A voz dele parecia seca, vinda lá de longe. Os olhos e o jeito de mexer na franja denunciavam que estava meio sem graça, mas também meio bravo comigo. Fiquei triste. Senti medo de perder a chance de me reaproximar dele.

— Miguel... — Mesmo envergonhada, fui buscar coragem e arrisquei: — Acho que eu preciso te pedir desculpas, né?

— É. Talvez, né, Olívia?

— Ando um pouco confusa com essa história da minha mãe. E de estar me aproximando de você... Sei lá, fiquei meio sem saber...

Os olhos do Miguel brilharam.

— Tudo bem. Deixa pra lá. Mas você não precisa ter medo de falar comigo! Eu não mordo. No máximo, posso te convidar pra tomar um sorvete de novo.

A sorveteria estava bem ali, na nossa frente. Era só atravessar a rua.

E ainda faltava meia hora para o Ivan aparecer.

• 27

QUANDO BATEU CINCO E QUINZE DA TARDE, o Miguel e eu já tínhamos conversado mais um tanto. Conteí sobre minha avó, que tinha acabado de descobrir que estava doente, com um câncer que foi crescendo devagarinho e em silêncio, e sobre o tratamento que ela havia começado a fazer. Comentei que não podia nem pensar sobre a falta que ela faria pra gente, meu pai e eu, sobre o lugar de mãe que ela havia ocupado na minha infância. Falamos também sobre a prova de matemática e o professor de português. Sobre o livro da Anne Frank e o horror do Holocausto. E sobre o bisavô do Miguel, que viera da Polônia para o Brasil, escapando por pouco do Hitler, mas que perdera muitos amigos e parentes em campos de concentração. relatei a história do pai da Alice Brill, uma fotógrafa alemã e judia, de cujo trabalho meu pai gostava muito (até vimos uma exposição dela, aqui mesmo em Curitiba). O pai da Alice veio morar no Brasil, fugindo dos nazistas, mas, sem conseguir trabalho e com saudade de casa,

voltou para a Alemanha, contra todos os conselhos dos amigos e da família, e acabou morrendo em um campo de concentração. O Miguel comentou que essa história lembrava o refrão de uma música que seu pai sempre ouvia: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

Pensávamos nisso quando nos demos conta de que ainda não havíamos escolhido os sorvetes. De imediato a garçonete surgiu para tirar o pedido. Ela veio pela direita. E o Ivan, pela esquerda.

• 28

TOMAMOS OS SORVETES JUNTOS, nós três. Impossível não gostar do Ivan, estava na cara que o Miguel tinha adorado ele. Mas, percebendo que o que tínhamos para conversar era importante e particular, se despediu rapidinho, não sem antes dar uma piscada pra mim. Nem preciso dizer que fiquei vermelha. O Ivan deve ter sacado tudo, mas não comentou nada.

Não deu nem cinco minutos, o Ivan perguntou:

— Olívia, você morre de vontade de saber mais sobre a Laura, mas tem muito medo, não é? — nem deu tempo de responder, porque ele logo emendou: — Dá pra imaginar. Deve ser difícil conhecer alguém que significa tanto pra gente... Alguém cuja ausência dói tanto também...

— É por aí mesmo, Ivan. Tenho uma ideia sobre minha mãe. É como se ela fosse um personagem. Penso em uma mulher delicada, mas frágil, insegura. Às vezes, tenho raiva dela, claro, mas sinto mais pena... Talvez eu tenha me apegado a essa ideia de fragilidade para contornar minha história. Não sei...

O Ivan me observava, sério.

— Fico impressionado em ver como você é madura pra sua idade — comentou.

— Meu pai e minha avó cuidaram muito bem de mim. Mas tive que lidar com a fuga da minha mãe. Que remédio?

Já estava tarde e eu precisava ir embora, mas, dessa vez, não sairia sem perguntar o que eu queria tanto saber.

— Por que ela foi embora? O que a deixou tão deprimida quando eu era bebê?

Antes de me responder, o Ivan precisou tomar uns dois copos de água. Aí começou a falar bem lentamente:

— Olívia, antes de mais nada, quero te dizer que tenho minha própria versão da história, tá legal? Ou seja, vou te falar como eu vejo as coisas. Não é uma verdade absoluta. A visão da Flora, por exemplo, é outra. Assim como a do seu pai e a da sua avó. E a sua, a que você vai construir depois de saber mais um pouco sobre tudo o que aconteceu. Monte seu quebra-cabeça. Mas não siga cegamente uma linha só, combinado?

Totalmente verdade o que o Ivan disse. Em assuntos como esse, não existe só um lado da moeda. Nunca. Como saber o que aconteceu de fato, se tudo o que ouvimos é construção de alguém, com suas ideias, sua história, seus afetos envolvidos?

— Olívia, você sabe por que a Laura veio morar aqui em Curitiba?

— Por causa de um irmão, né? Veio atrás dele, mas acabou não o encontrando.

— Mais ou menos... Na verdade, ela não tinha certeza de que o irmão estava por aqui. O que ela sabia é que uma família de Curitiba tinha adotado o menino aos cinco anos. Sua mãe tinha dez anos quando a mãe dela, sua avó materna, viajou e deixou os dois filhos com uma prima. Essa prima, Heloísa, ficou de cuidar dos dois por um mês, enquanto sua avó fazia um curso em São Paulo. Só que ela nunca mais voltou, nem deu notícias. Ninguém sabe direito o que aconteceu, só que ela era meio pancada da cabeça. Não tinha rumo na vida. Criava os dois filhos como dava. Às vezes, pouco dava, pelo que sua mãe me contou. Ela costumava sumir por uns tempos, mas sempre voltava. Até esse dia em que saiu de casa e nunca mais voltou. A Heloísa a procurou que nem louca, mas nada. Ela não podia criar sozinha duas crianças. Tinha só vinte e dois anos! Por isso, o menino acabou sendo adotado por um casal daqui e sua mãe foi encaminhada para um colégio interno de freiras no Rio mesmo. Mas a Heloísa sempre mantinha contato com ela. Sua mãe nunca falou muito sobre a vida que teve no Rio, a infância... Mas me disse que sua avó era uma mulher depressiva e que morria de medo de acabar como ela.

— Então por que não aproveitou a chance que teve comigo para tentar ser uma mãe melhor que a dela, Ivan? Eu sempre me pergunto isso, sabia? Por que fugir, desistir antes de tentar? Eu tinha só nove meses, poxa!

O Ivan me escutava atento, tomando cuidado o tempo todo com o que ia me falar.

— Ela ficou contente quando engravidou, Olívia. Tinha suas dúvidas, claro, sentia medo. Mas estava feliz. A gente conversava bastante nessa época. Ela falava que finalmente teria uma família, algo que nunca teve. Para você ter uma ideia, Laura não sabia quem era o pai dela. Achou que o casamento e a maternidade resolveriam todos os seus problemas emocionais. Que sua história triste ficaria para trás. Talvez acreditasse que a vida seria completamente diferente dali em diante.

— Não dá pra gente mudar tanto assim!

— Pois é. O cenário pode mudar, mas o personagem é o mesmo. É o que eu falo para meus alunos do teatro, para meus amigos. A gente leva pra onde for quem a gente é. Na minha opinião, foi isso o que a Laura não aguentou. Continuar a mesma apesar das mudanças de vida. É claro que podemos mudar. Mas não dá pra apagar tudo, nem pra se transformar em outra pessoa.

● 29

DEPOIS QUE NOS DESPEDIMOS, fiquei pensando em tudo o que ouvira do Ivan. Não entrava na minha cabeça de jeito nenhum por que minha mãe, que afinal conseguiu construir a família que tanto desejava, largou tudo para voltar a ficar sozinha. Sem o marido, a filha, os amigos... Se ela havia sofrido tanto por não ter uma família, por não saber quem era seu pai e por ter sido abandonada pela mãe ainda criança, não deveria fazer justamente o contrário?

Claro que essa história ainda borbulhava na minha cabeça dois dias depois, quando fui com a Ana e o Rafael fazer um trabalho de grupo na casa do Miguel e acabei contando a história toda para eles. E de quebra para a Vera, mãe do Miguel.

Foi ela quem me contou a história de uma menina que morava na rua e acabou sendo colocada na Fundação Casa; a Vera dava aulas de escrita criativa lá.

— Ali, todas as histórias são muito complicadas, Olívia, mas essa menina teve sorte. Foi adotada por um casal muito bacana, que ela adorava. Mesmo assim

sentia muita falta do cotidiano que tinha antes. Não se encaixava na nova vida, sentia saudade dos amigos, da família construída nas ruas, e no final das contas acabou fugindo. Às vezes, por mais que a gente queira, é difícil mudar. Temos também nossos vínculos com o passado. Pode ser que sua mãe tivesse a ilusão de reencontrar a mãe dela no Rio de Janeiro e por isso tenha voltado para lá. É difícil saber qual o fio que nos leva, o desejo que nos conduz. Às vezes queremos coisas inexplicáveis, ou das quais nem consciência temos.

E lá veio o Miguel de novo com a frase de que ele tanto gostava: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

● 30

O CORAÇÃO E SUAS RAZÕES... Quando me dei conta, já estava tão próxima do Miguel, já tínhamos tanta coisa em comum que aquele tão temido beijo aconteceu como se fosse a coisa mais natural do mundo. E, então, estávamos namorando. Simples assim.

A impressão que eu tive é de que o amor tinha se encarregado de tudo. Das conversas, da vontade de se ver cada vez mais, das mãos dadas. E do beijo, claro. O primeiro de muitos que vieram depois, devagarinho.

Fiquei feliz por não ter precisado fugir dele. De mais nada.

A essa altura, eu já sabia um tanto de coisas sobre minha mãe. Tudo o que fui buscar encontrei. Daquela conversa com o Ivan, escrevi e recortei algumas palavras que me ajudavam a entender a história dela.

Elas dançavam no meu álbum, que crescia. Soltas, juntavam-se e separavam-se, à medida que eu abria as páginas e as embaralhava.

Rio de Janeiro
Irmão
Prima
Mãe
Sumiço
Solidão
Medo
Tristeza
Curitiba
Esperança
Eduardo (meu pai)
Casamento
Gravidez
Olívia
Amor
Depressão
Medo de ser igual
Vontade de reencontrar (?)
Fuga
Rio de Janeiro
Saudade

Mas essas eram as palavras de uma versão da história da minha mãe. Havia chegado a hora de conhecer as outras.

• 31

PARECIA ATÉ QUE A FLORA esperava pela minha visita. Mesmo em pleno inverno curitibano, encontrei-a sentada na varanda, enrolada em uma manta, tomando chá. Não precisei tocar a campainha. Mas o olhar dela estava longe, ou melhor, ela inteira parecia estar longe. Tive que chamar duas vezes pelo seu nome, até que me ouvisse.

— Olívia! Nossa... Pensei tanto em você hoje! Vamos entrando, o portão tá só encostado.

A Flora entrou na sala, acendeu as luzes e já foi logo arrumando a lenha na lareira para fazer fogo. Ofereceu-me chá e pão feito em casa. Tudo muito gostoso, aconchegante. Ela estava mais tranquila, sem a afobação da última vez que nos vimos.

— Que bom que você voltou! — A Flora disse. — Queria te dizer que pode vir quantas vezes quiser.

— Obrigada. O Ivan te disse que conversamos umas duas semanas atrás? Ele me contou umas coisas sobre minha mãe. Mas também queria ouvir de você por que acha que foi embora. Qual é sua versão dos fatos?

Ela riu.

— Aposto que foi o Ivan quem te falou sobre essa história de versão, não foi? Parece que estou ouvindo ele dizer: “Olívia, não fique com uma versão só!”.

Dessa vez, quem riu fui eu, confirmando o quanto ela conhecia o amigo.

— Mas o que você quer saber? — ela perguntou.

— Minha mãe... Bom... O Ivan comentou que ela ficou muito mal quando apostou tudo, mas tudo mesmo, na família que formou aqui. Achou que assim poderia apagar o passado. Mudar de vida, mudar quem ela era. Mas a antiga tristeza veio à tona, e ela chegou à conclusão de que não seria uma boa mãe. Já a Vera acha que ela quis voltar pro Rio pra tentar reencontrar a mãe dela.

— Quem é a Vera?

— A mãe do Miguel.

— E quem é o Miguel?

— Meu namorado.

A Flora gostou da ideia de eu ter um namorado. Achou que precisávamos brindar isso com chá. Foi engraçado equilibrarmos as duas xícaras quentes.

— Concordo com muita coisa que o Ivan te contou. Já conversamos muito sobre isso. Ficamos nos perguntando o que poderíamos ter feito de diferente pra evitar que a Laura fosse embora...

Não sei se eu suava por causa do chá, da lareira acesa ou do nervosismo que crescia em mim. Não sei por quê, mas sempre que a Flora começava a falar eu

queria e não queria ouvir o que ela ia me dizer. Mas, daquela vez, estava decidida a encarar o que viesse pela frente.

— Sabe, Olívia, acho que sua avó contribuiu para que tudo ficasse mais difícil. Ela punha muita pressão na Laura: de como ela deveria ser; de como era diferente do que ela, como mãe, sonhava para seu pai... Sua avó havia perdido a filha mais velha, sua tia Inês, uma moça e tanto, mas bem diferente da Laura. E, para ela, o jeito certo de ser era o da Inês. Vivia comparando as duas: Inês, toda certinha, estudiosa, segura, expansiva, companheira em tudo, até nos cuidados com o irmão temporão, seu pai, depois que seu avô faleceu. Inês era venerada pela sua avó, mais ainda depois da morte repentina, em um acidente. Sua mãe era totalmente diferente dela: escorregadia, tímida... Muito carinhosa, mas assustada, desconfiada; afinal, era uma moça órfã, sem família. Se sua avó já implicava com a nora normalmente, quando a Laura entrou em depressão as coisas pioraram. Vivia falando para quem quisesse ouvir que se preocupava com o tipo de mãe que ela seria pra você. Eu mesma presenciei uma discussão desse tipo entre as duas. A Laura, que era insegura, passou a ter medo de não ser uma boa mãe de fato. Seu pai a amava e a defendia, mas deixava sua avó se intrometer muito, sabe?

— Então, foi tudo culpa da minha avó?

— Se a Laura fosse uma pessoa mais forte, teria segurado a onda. Teria dado um basta. Mas foi demais, ela não aguentou. Além disso, mesmo sem conhecer a

Laura, a mãe do seu namorado acertou. Ela tinha muita vontade de reencontrar a mãe perdida.

Eu estava atônita. Minha avó era, sim, uma pessoa controladora, forte, mandona. Claro que eu a amava muito, mas sabia bem como ela era. E a Laura, tão frágil, tão certa de que não seria uma boa mãe... Que ingredientes perigosos juntos!

A Flora continuou:

— Sabe, Olívia, é inacreditável. A gente falava tanto pra Laura que ela seria ótima mãe, mas ela pôs na cabeça que você estaria em melhores mãos se fosse cuidada pela sua avó, pelo seu pai e até pela mulher que ele futuramente pudesse arranjar.

— Mas isso não aconteceu, Flora! Meu pai nunca se casou de novo! E eu sinto tanta falta de ter uma mãe... Será que ela não imaginou isso? Só pensou nela?

Pela primeira vez, chorei muito com alguém que não era meu pai. A Flora me abraçou forte. Permanecemos ali, em silêncio, por um bom tempo, até o fogo apagar completamente.

• 32

QUANDO FUI VISITAR MINHA AVÓ, estava superdecidida. Teríamos uma conversa seriíssima. Soltava fogo pelas ventas só de imaginar tudo o que diria para ela: que controle tinha limite, que ela havia piorado a situação da minha mãe, que mãe nenhuma podia se intrometer tanto na vida do filho e da neta, que nora não é a gente que escolhe, que a gente cria filho para o mundo e não para a gente mesma, que minha mãe não tinha aguentado tanta pressão, que eu tinha crescido sem mãe também por culpa do que ela havia feito.

Mas toda essa força diminuiu assim que cheguei à casa dela. Encontrei minha avó ainda mais abatida que da última vez. O câncer avançava apesar da quimioterapia, cada vez mais constante. Todo o processo a tinha fragilizado muito. Estava visivelmente cansada e com aspecto muito envelhecido...

Claro que não tinha nenhum cabimento aquela conversa! Como eu podia deixar de lado sua situação atual e cobrar coisas do passado, quando ainda era cheia de vida e de vontades? Agora ela precisava de

acompanhante quase o tempo todo, porque não tinha força nem para as tarefas de casa. Carinhosa, a Jana cuidava dela como se fosse um bebê. E minha avó se comportava mesmo como alguém dependente. Embora lúcida, não demonstrava muito interesse pelos assuntos à sua volta. Falava baixo e passava os dias quase inteiros diante da TV assistindo às mesmas notícias vinte vezes por dia. Parecia despedir-se da vida aos pouquinhos... De que adiantaria cobrar minha avó àquela altura da vida? E todo o amor que ela havia me dedicado?

As relações não são tão simples como queremos que elas sejam...

Propus que trocássemos o noticiário por um filme e fiquei vendo televisão com ela. A Jana trouxe bolo, nos cobrimos com uma manta e ficamos sentadas lado a lado a tarde toda. Foi a última vez em que estivemos tão próximas.

• 33

QUANDO EU FIZ QUINZE ANOS, ganhei uma viagem do meu pai para a Chapada Diamantina, na Bahia. O Miguel e a Ana também foram. Ela acabara de ganhar um irmãozinho do segundo casamento do pai e achou ótimo poder viajar com amigos, já que, sem a irmã mais velha, que agora estudava fora, as férias da família seriam totalmente dedicadas aos cuidados do bebê. Foi lá que ela se deu conta de como era urbana e que o Miguel decidiu ser biólogo. Lá, eu e meu pai nos aproximamos de outro jeito e por fim conseguimos conversar abertamente sobre minha mãe.

Ele tomou conhecimento de todas as minhas descobertas. Soube, pela primeira vez, do álbum que eu alimentava havia tanto tempo. Concordou com alguns pontos de vista do Ivan e da Flora. Disse o quanto se culpou por achar que poderia ter evitado a fuga da minha mãe e de que forma, com o tempo, foi mudando de opinião em relação a isso até concluir que não podia ter sido muito diferente. No fundo, ele sempre soube que corria certo risco com minha mãe. Afinal, não era

bobo, nem nada, tinha plena consciência das suas fragilidades e inseguranças. Também me falou de como, ao longo dos anos, se sentiu triste por ele e por mim. E me contou da raiva que experimentou tantas outras vezes: dele mesmo, da minha avó, da minha mãe. Comentou também sobre a falta que sentia de ter uma mulher, que gostaria de se casar de novo, que estava até começando a namorar... Quem sabe poderia ter outro filho mais pra frente?

Desculpou-se por não ter conseguido conversar comigo sobre tudo aquilo até então. A psicoterapia que tinha começado a fazer havia alguns meses o ajudado muito nisso. Muitas sessões foram dedicadas à necessidade de compartilhar comigo nossa história familiar.

Voltamos diferentes da viagem. Mais soltos, com menos silêncios, receios, esconderijos. Assim que chegamos em casa, mostrei a ele meu álbum. Ele até me ajudou a escrever algumas legendas para as fotos que eu finalmente resolvera aceitar como presente da Flora. Era minha letra misturada com a dele naquela memória/história da minha mãe. Acrescentamos algumas imagens minhas e dele também. Afinal, éramos uma família. Diferente das outras, mas a que pudemos ser.

● 34

FOI MAIS OU MENOS NESSA ÉPOCA que a Elisa entrou na nossa vida pra valer. Meu pai a apresentou logo depois que voltamos da viagem. Gostei dela de cara. Ela é cardiologista e tinha acabado de se separar. Meu pai a conheceu em um encontro às escuras, arranjado por amigos em comum. Sabe como é, né? As pessoas ficam alvoroçadas quando veem gente próxima sozinha e querem logo apresentar alguém. Com eles deu certo. Depois de namorarem quase um ano, a Elisa veio morar com a gente. Eu estava para fazer dezesseis anos. Eles estão juntos até hoje.

Meu irmãozinho ou irmãzinha nunca chegou. A Elisa dizia que estava velha para engravidar, se bem que na época tinha apenas quarenta e três anos e eu conheço um monte de histórias de mulheres que engravidaram com essa idade. Eles até que tentaram, mas não conseguiram e acabaram deixando a ideia pra lá. Fiquei frustrada, é claro, mas tudo bem. Não veio, pronto. Não era pra ser, como dizia

a Flora, que era cheia de achar que havia algo maior no Universo conduzindo nossa vida de um jeito ou de outro.

• 35

O REENCONTRO DA FLORA E DO IVAN COMIGO e o nosso convívio por quase dois anos acabaram por levá-los a querer reencontrar minha mãe, mas, como fazia muito tempo que eles não se falavam, os contatos que tinham estavam desatualizados. O telefone não era o mesmo, nem o endereço, e as cartas eram devolvidas sempre com as mesmas mensagens: “Mudou-se” ou “Destinatário inexistente”.

Eles não desistiram. Foram atrás da Heloísa, a tal prima da minha mãe. Só que a tarefa não foi das mais simples. Heloísa havia se apaixonado por um cara lá de São Luís e foi viver com ele, em pleno Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Abriram uma pousada, mas isso muito tempo antes... Foram alguns meses de busca. Apesar da internet, a comunicação com Lençóis não era nada simples. Uma hora, a chuva fazia cair o sinal. Outra, era o vento. Outra ainda, a pousada estava fechada em função da baixíssima temporada. Ou então cheíssima na alta estação, com o telefone sempre ocupado e a internet falhando o

tempo todo. Quando finalmente conseguiram localizá-la, descobriram que a Heloísa e o marido haviam vendido a pousada para um casal de italianos. Por eles, souberam que os dois foram para Pernambuco. Tentaram encontrá-los pelo telefone que lhes deram, mas caía sempre em uma gravação: “Por favor, verifique o número discado”. Desanimaram.

Mas não desistiram. Vasculharam a internet, mas a busca era quase impossível, pois os nomes deles eram comuns demais: a Heloísa era Silva e o marido dela, José Ribamar Ferreira, como tantos outros no Maranhão. E, pelo que puderam concluir, os dois não eram muito fãs de redes sociais. No entanto, a Flora ficou sabendo da existência de um grupo na internet formado por donos de pousadas no Nordeste. Ela reuniu os nomes dos proprietários de pousadas no Maranhão, na região de Lençóis, e depois dos de pousadas dos pontos mais turísticos de Pernambuco e enviou um e-mail a todos, perguntando sobre o paradeiro de Heloísa e Ribamar. A resposta surgiu alguns dias depois, em meio a uma chuva de e-mails de pessoas que se desculpavam por não poder ajudar: “Sim, conheço bem a Heloísa e o Ribamar, seguem as informações...”.

O problema é que, quando a Heloísa foi finalmente localizada, ela também já não tinha mais o contato da prima, pois haviam se desentendido. Mudança vai, mudança vem, perdeu o telefone e o endereço dela. Mas tinha uma dica: uma colega da Laura dos tempos de escola. Talvez elas ainda se falassem. Até onde sabia,

a moça dava aulas de matemática no colégio onde as duas estudaram. O nome dela era Angélica.

Os meses infundáveis de busca foram recompensados pela facilidade com que a localizaram. Uma ligação para a escola, um recado e dois dias depois o telefone da Flora tocou. Do outro lado da linha, identificou um sotaque carioca:

— Alô, é da casa da Flora?

— Sim, quem fala?

— Meu nome é Angélica e estou retornando uma ligação.

Foi preciso certo tato para conduzir a conversa. Sim, ela e a Laura continuavam amigas e se falavam constantemente, apesar de terem ficado afastadas alguns anos, entre a ida da Laura a Curitiba e sua volta ao Rio de Janeiro. Não, ela não sabia se poderia dar o telefone e o endereço da amiga, teria que perguntar a ela antes, mas a Laura se encontrava fora do Rio por uns dias. Sim, ela prometia que não esqueceria e retornaria em breve. E não, ela não conseguia imaginar a reação da Laura. E mais uma vez, não, ela não sabia que a amiga tinha uma filha!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 36

QUANDO O IVAN E A FLORA ME CONTARAM sobre a ligação da Angélica, fiquei bem chateada. Ou melhor, decepcionada. Como minha mãe não contara para a melhor amiga que tinha uma filha? Que tipo de amizade era aquela? Que espécie de pessoa era a Laura?

Os amigos antigos vieram em defesa dela. Primeiro, o Ivan:

— Olívia, você nem sabe se de fato a Angélica e a Laura são melhores amigas. Nem sabe que tipo de amizade elas têm. E por um acaso você conta tudo, tudinho, pra Ana Luiza?

— Poxa, Ivan... Mas não contar que tem uma filha? Ou que *teve* uma filha? É mais do que um segredinho bobo que você resolve não compartilhar com a amiga, né?

Em seguida, veio a Flora:

— Você já deve ter pensado como foi difícil pra sua mãe te deixar, certo? Como essa história deve ter, no mínimo, atormentado a Laura por um bom tempo, se é que ainda não a atormenta. E também deve saber que

um dos jeitos que as pessoas têm de lidar com aquilo que as machuca é justamente não falar a respeito. Como se isso fizesse a dor sumir...

Ela estava mais do que certa. Eu mesma havia vivido na pele tudo aquilo com o silêncio que cobrira minha casa por anos a fio.

Minha vida ficou em suspenso até o dia em que a Angélica ligou novamente, duas semanas depois. Nesse período de espera, ganhei de volta os antigos ouvidos de espreita: a cada chamada telefônica meu coração vinha parar na garganta para logo depois quase sair pela boca. Até que em uma tarde de quarta-feira, quando eu tentava estudar para o vestibular, o telefone tocou e, ao atendê-lo, reconheci nervosa o alô do Ivan.

— Olívia, temos novidade. Podemos passar aí no final da tarde?

— Podem vir agora, Ivan. Não estou fazendo nada importante...

(Quem conseguiria continuar a estudar depois dessa?)

— Agora não dá. Ainda tenho uma aula e preciso passar na casa da Flora.

— Então, vou pra lá.

Certamente o tempo passaria mais rápido dentro do ônibus.

A conversa tinha sido boa, disseram. A Angélica estava impressionada com aquela história toda de filha, marido e fuga. Percebia que a amiga guardava mil

segredos dos tempos da sua vida em Curitiba, mas não imaginava que pudessem ser tão grandes. Contou que a vida da Laura fora bem difícil, mas os últimos anos haviam sido melhores. Tinha um companheiro que a amava e um trabalho de que gostava.

A Angélica também disse que a Laura tinha ficado muito emocionada ao saber do telefonema da Flora. Depois de revelar à amiga toda a história, comentou que ao longo dos anos pensou muitas vezes em me procurar, desejando resgatar essa parte da vida deixada para trás. No entanto, tinha muito medo do que poderia encontrar. Também disse à Angélica que gostaria de ter notícias minhas, receber fotos, mas que ainda não se sentia pronta para me encontrar pessoalmente. Por fim, pediu a ela que fizesse chegar até mim duas mensagens importantes: o quanto ela ficou feliz, grata mesmo, por eu procurá-la, pois receava que eu nunca mais quisesse saber dela; e o quanto sentia por tudo o que havia perdido.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

• 37

OS MESES QUE SE SEGUIRAM FORAM AGITADOS. O namoro intenso com o Miguel, o agravamento da doença da minha avó, os cuidados, as idas e vindas ao hospital até sua morte, os estudos para o vestibular, a dúvida entre os cursos de História, Jornalismo, Psicologia e Direito... E, claro, o início do contato com minha mãe.

Primeiro trocamos fotos, imagens e mais imagens sendo enviadas por e-mail. A Laura tinha um rosto sofrido. Fiquei um pouco assustada, pois não a imaginava tão envelhecida. Ela, por sua vez, se espantou com a moça que eu me tornara. Havia me imaginado diferente da fotografia, não entendia como podíamos ser tão parecidas, pois quando eu era bebê lembrava muito mais a família do meu pai do que a dela. Comentou sobre nossos olhos e eu falei dos troncos de árvore. Ela quis ver fotos da minha casa, do meu quarto, do Miguel e da Ana Luiza, e também do meu pai e da Elisa. Eu quis conhecer o Zé Maria, marido dela, e sua casa.

Demoramos ainda um tanto para ouvir a voz uma da outra. Nós nos escrevemos bastante antes que

podéssemos falar ao telefone e, finalmente, nos encontrar. Compartilhamos gostos, hábitos, sentimentos, as coisas mais íntimas já vividas.

Engraçado isso. Certo dia, a Ana comentou que eu e minha mãe parecíamos namorados que se conhecem pela internet e ficam meses se correspondendo até se falar pelo telefone ou se ver. Como se precisassem fazer nascer uma intimidade antes de dar o próximo passo, algo que pudesse sustentar o encontro com alguém apenas imaginado. No nosso caso, penso que precisávamos mesmo da intimidade de todas as palavras e do alcance das coisas escritas para que pudéssemos nos reconhecer como mãe e filha antes de nos vermos.

Nessas conversas por e-mail nunca falamos sobre a fuga dela nem sobre as dores vivenciadas por nós duas e pelo meu pai. Esse era um assunto para depois, para quando nos encontrássemos ao vivo dali a um tempo, quando estivéssemos tão íntimas a ponto de sustentar as mágoas que poderiam vir de uma conversa sobre nossa história. Naquele momento estávamos nos conhecendo, preparando o terreno para o encontro.

Quando sentimos que estávamos prontas, marquei uma viagem ao Rio de Janeiro.

Eu tinha acabado de fazer dezessete anos.

● 38

ENQUANTO TODO MUNDO APRESSAVA minha viagem, achando um horror eu ter preferido ir de ônibus e não de avião, eu cuidava de ter um tempo a mais na estrada. Treze horas de paisagem ora verde, ora cinzenta, ora plana, ora de serra, atravessando cidades e estados, cruzando divisas até poder encontrar o mar na terra da minha mãe.

Entre o ponto de saída e o de chegada, eu teria tempo para processar nosso encontro e relembrar minha busca. Pensar no que haviam sido esses anos, sabendo tão pouco sobre minha mãe, as pequenas doses de informação tantas vezes roubadas, até finalmente resgatar a relação com ela.

Treze horas ou setecentos e oitenta minutos, como gotas em um copo ainda pela metade. Mas para quem está bebendo o que importa é poder matar a sede no final.

Quando me despedi do meu pai na rodoviária de Curitiba, ele deu uma carta endereçada à minha mãe.

— Tudo isso quem conquistou foi você, filha.

Sorri. Quis dizer que tínhamos sido todos nós, mas tudo o que consegui fazer foi dar mais um abraço e um beijo nele.

— Boa sorte, boa viagem. Qualquer coisa, estou por aqui. Se precisar, me liga.

Quando eu me sentei na poltrona do ônibus leito, fechei os olhos e pensei: “Está feito”. O motorista fechou a porta do maleiro. Foi quando ouvi sua conversa com os companheiros de trabalho.

— E aí, Joaquim? Cidade Maravilhosa mais uma vez?

— Tantas vezes quanto puder! Tô indo matar a saudade de casa.

O Miguel, que estava comigo, segurou firme minha mão. Juntos sentimos o ronco do motor. À medida que o ônibus se afastava, a figura do meu pai ia diminuindo na plataforma.

Algo me unia ao nosso motorista Joaquim. Eu nunca tinha estado no Rio de Janeiro, mas, como ele, sentia que estava indo matar a saudade de casa.

● PÓS-ESCRITO

TRÊS ANOS DEPOIS DAQUELE DIA, revendo o álbum que montei ao longo da adolescência, me dei conta de que, de um modo ou de outro, ali estava toda a história sobre a busca da minha mãe. Foi quando decidi escrever este livro com base naquelas anotações.

Hoje tenho vinte e quatro anos e uma filha, a Alice, que nasceu no ano passado.

Miguel fez Biologia e tudo o que queria era ter uma vida diferente, longe daqui. Seu maior desejo era explorar o mundo, especializar-se em biologia de conservação. Acabou indo parar nas Ilhas Maurício, no Oceano Índico, pertinho de Madagascar. Lá estuda o comportamento do falcão-de-maurício, a ave de rapina mais rara do mundo, um bicho que quase se extinguiu na década de 70, mas que, graças ao trabalho, à persistência e à paciência do biólogo galês Carl Jones, teve sua espécie salva. Pelo menos por enquanto.

Ainda nos falamos de vez em quando. Tomamos rumos diferentes — não consigo imaginar uma vida mais exótica do que a dele —, e eu acabei conhecendo

o André, um sujeito muito especial por quem me apaixonei e logo nos casamos.

Hoje, quando vejo a Alice no colo da Laura, penso que vivo, por meio dela, um pouco daquilo que não tive, a cena que eu quis tanto pregar na memória: uma menina de cabelos castanho-claros no colo da minha mãe, ambas trocando olhares. E aqui estamos nós três, olhos de tronco de árvore cortado, os sulcos desenhando a história que nos pertence.

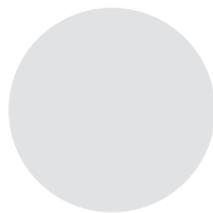
Agora preciso ir. A Alice acaba de acordar. Uma dorminhoca, essa minha filha. E acorda com sede! Mas não gosta de tomar o suco de uma vez só. Vai de gole em gole, em pequenas doses. A conta-gotas. E, enquanto bebe, brinca com meus dedos, que seguram firme sua mamadeira.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



ANA CAROLINA CARVALHO nasceu em 1971, em São Paulo, onde vive. Em 1994, formou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Educação na Universidade de Campinas (Unicamp), investigando a formação do leitor literário na escola. Clinicou em consultório particular por treze anos, antes de dedicar-se integralmente ao trabalho educacional, com formação de professores. É autora de *Contos de irmãos: histórias de aventura, coragem e astúcia* (Moderna, 2009) e organizadora da coletânea de contos tradicionais *Dez contos do além-mar* (Peirópolis, 2010), ambos destinados ao público infantil. Tem dois filhos, Teresa e João, dois cachorros e dois gatos. Mesmo morando em uma cidade grande, acha que a vida fica melhor quando se tem a natureza por perto. Assim como Olívia, protagonista deste livro, Ana Carolina acredita que as coisas mais importantes da vida costumam acontecer devagarinho, ajudadas pelo tempo e pelo acúmulo de experiências.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 90 g/m²